

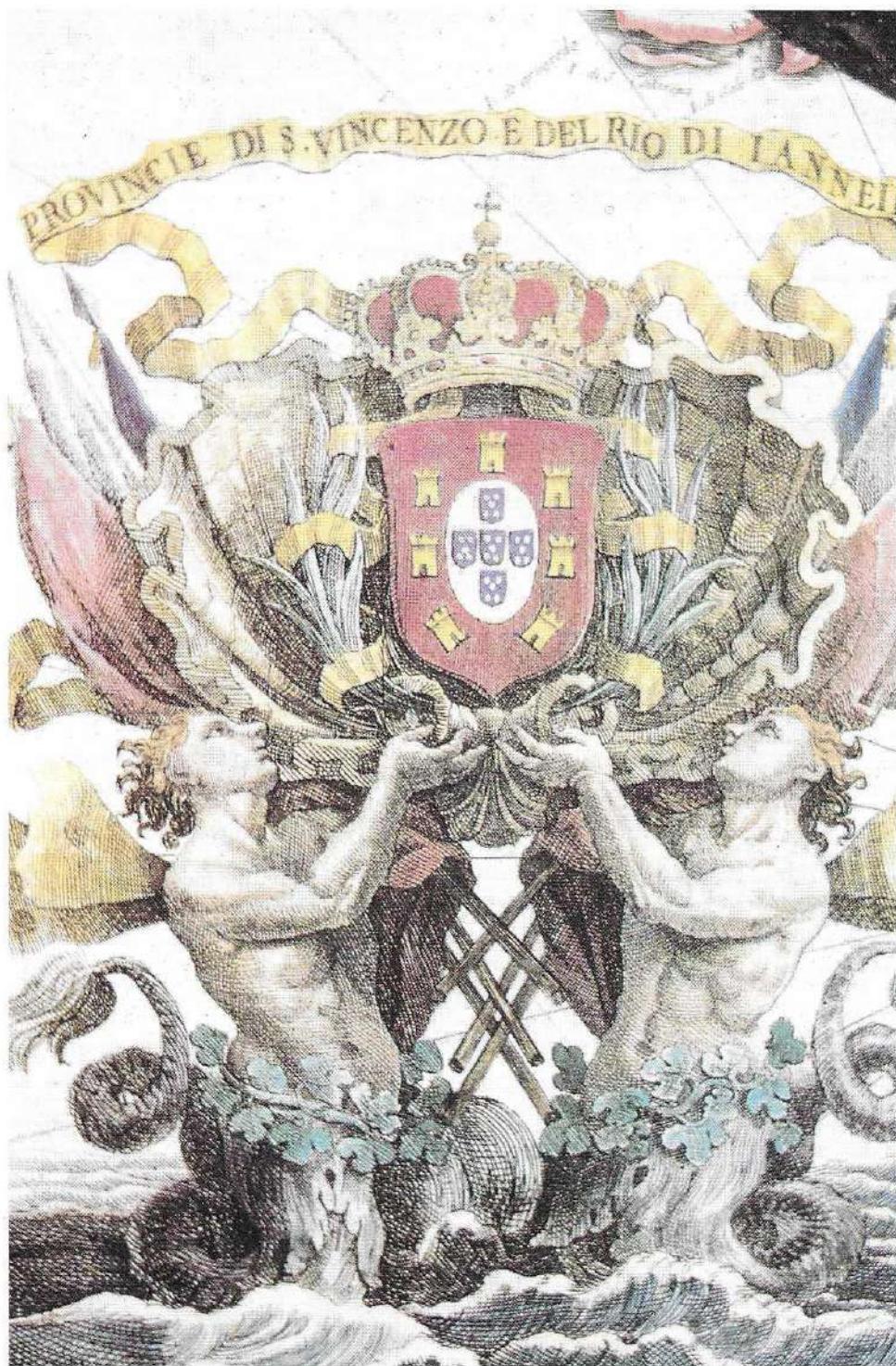
SOCIEDADE HISTÓRICA



DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

Boletim Informativo

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO XI • N.º 129 • MARÇO 1997 • PREÇO: 200\$00



• PONTO DE REFLEXÃO
por **VIRGÍLIO DE CARVALHO**

pág. 3

• VISITA À CASA MUSEU
por **MARGARIDA CABRAL VALENTE**

pág. 7

As opiniões expressas ou doutrinas expostas nos artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores e não exprimem, necessariamente, os pontos de vista da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

SUMÁRIO

PONTO DE REFLEXÃO	3
NOTÍCIAS SHIP	4

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

ARMAS DE PORTUGAL

ILUSTRAÇÃO DA CONTRACAPÁ:

ARMAS DE PORTUGAL

FICHA TÉCNICA

Fundador: Mestre Dr. Carlos Vieira da Rocha

Director: General Manuel F. Themudo Barata

Conselho Editorial

Secretário: Alberto Reis

Consultor iconográfico e documental: Dr. Manuel A. Ribeiro Rodrigues

Publicidade e orientação gráfica: Jorge Rodrigues

Propriedade:

SHIP

Sede e Redacção:

Palácio da Independência,
Largo de S. Domingos, 11
1150 LISBOA

Telef.: 342 89 87 / 346 21 67

Fax: 346 07 54

Impressão:

Tipografia da ADFA
Rua Artilharia Um (Anexo H.M.P.)
Telef.: 385 35 93 - 1000 LISBOA

Depósito Legal: 1772

ISSN 9872-2005

Tiragem média: 5.000 Ex.

AS ACTIVIDADES DA S.H.I.P. TÊM O APOIO DOS SEUS SÓCIOS EXTRAORDINÁRIOS

- ANA - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA, EP.
- BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
- BANCO TOTTA & AÇORES
- BERGANA, GOMES & ALONSO, LDA
- CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
- COLEÇÕES PHILAE, S.A.
- COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI, S.A.
- COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE, S.A.
- COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, S.A.
- CPP - COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS – GRUPO TOTTA
- CTT - CORREIOS DE PORTUGAL, S.A.
- EID - EMPRESA DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ELECTRÓNICA, S.A.
- EPAC - EMPRESA PARA AGROALIMENTAÇÃO E CEREALIS, S.A.
- EPAL - EMPRESA PORTUGUESA DAS ÁGUAS LIVRES, S.A.
- FLAD - FUNDAÇÃO LUSOAMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO
- FUNDAÇÃO MACAU
- FUNDAÇÃO ORIENTE
- IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA, EP.
- INETI - INSTITUTO NACIONAL DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA INDUSTRIAL
- OGMA - INDÚSTRIA AERONÁUTICA DE PORTUGAL
- SACOR MARÍTIMA, S.A.
- V. A. GRUPO-VISTA ALEGRE PARTICIPAÇÕES S.A.
- CÍRCULO EÇA DE QUEIROZ
- SGC - SOCIEDADE DE GESTÃO E CONTROLE, S.A.



TIPOGRAFIA
DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES
DAS FORÇAS ARMADAS

Executa:

Livros, Brochuras, Cadernos, Desdobráveis,
Cartazes, Envelopes, Cartas, Facturas, Recibos,
etc., etc., etc.

FOTOCOMPOSIÇÃO
TIPOGRAFIA
OFFSET
MONTAGEM
IMPRESSÃO
ENCADERNAÇÃO

* *
HÁ MAIS
DE 20 ANOS
QUE LHE DAMOS
UMA MELHOR
IMPRESSÃO
* *

PONTO DE REFLEXÃO

Parece haver em Portugal quem queira dar razão ao pessimismo de Fernando Pessoa, com sintomas preocupantes, por ele referidos, de incultura, ignorância, desnacionalização, inércia e estrangeirismo, dificultando a preservação do orgulho nacional e da consciência superior da nossa nacionalidade, contribuindo para a ruína nacional, para a destruição duma lusitanidade íntima e para minar o País que, assim continuando, terá morte certa, sem solução⁽¹⁾.

O caso é que Portugal está a voltar as costas a um mar a cuja intimidade com a terra ficou a dever a sua identidade de Nação e a evolução dela para individualidade de País, o que nenhuma das outras nações da Península Ibérica conseguiu. E isto, ofuscado pela miragem duma "Europa das Regiões", que potências centrais europeias de histórica propensão hegemônica pretendem impor às periferias marítimas (que se têm defendido disso com aliança preferencial à potência dominante dos oceanos), lembrando o famigerado plano Godoy desintegrador de Portugal no tempo das invasões francesas. "Europa das Regiões", essa que é desejada por portugueses que têm querido impor a um povo mal informado, e até por eles desinformado, uma apressada regionalização do Continente, sem um estudo prévio sobre seus prós e contras, sem lhe comunicar os seus resultados, e sem o ouvir em referendo. Regionalização que apresentam como panaceia para males do País, os quais decorrem afinal, principalmente, de insuficiente preparação cultural estratégica generalizada, a mesma que a chumbaria por certo em prova de exequibilidade do método de decisão estratégica. E isto enquanto vão asseverando que a identidade de Portugal não está em risco na opção europeia (como não está também, obviamente, a das nações ibéricas espanholizadas), mas omitindo o que poderá acontecer à sua individualidade, ao tempo que vão surgindo planos de regiões ibéricas transfronteiriças no Norte, no Centro e no Sul (no Algarve há quem queira mesmo autonomia), num País com condições de fragmentariedade potencial de carácter geográfico idênticas à duma Itália, também ela uma comprida e estreita faixa Sul-Norte, onde este se quer separar do Centro e do Sul, com a mesma miragem de Europa Rica.

Não servindo inclusive de aviso o calamitoso "encalhe" dos TIR em Espanha (logo a seguir ao ocorrido em França), com os quais nos querem meter no estreito funil terrestre Espanha-França, que alarmou empresários rodoviários a ponto de falarem na TV de recorrer a navios "ferry" para transportar os TIR para Bordeus, a fim de não dar azo a que a marinha mercante os substitua (sic). O que nem sequer evitou que, logo a seguir, surgisse uma ideia oficial de alternativa ao gasoduto argelino por navio, mas para desembarcar gás previamente liquefeito em Huelva e Ferrol, para o voltar a meter, regassificado, no gasoduto⁽²⁾. O que a ser verdade⁽³⁾, fará com que Portugal ajude a Espanha a desenvolver aqueles portos, a criar mais postos de trabalho, e a valorizar o seu litoral e o seu poder marítimo, em prejuízo do litoral, dos portos e da marinha de transporte que deram azo às preciosas identidade e individualidade portuguesas, em vez de se beneficiar o Alentejo (a maior, a menos desenvolvida e a menos litoralizada área de Portugal) por exemplo via porto de Sines, ou de Setúbal.

Portugal precisa, como de pão para a boca, de recuperar com toda a urgência a sua marinha mercante⁽⁴⁾, (principalmente a de cabotagem) mesmo adquirindo navios usados, como o fez a China que tem em seus portos, litoral e poder marítimo locomotiva do seu fabuloso crescimento económico. Como de resto aconteceu com Portugal do século XIV, cuja burguesia marítima impôs a iberistas a opção atlântica nacional histórica do maior desenvolvimento na maior segurança. É que parece estar-se em nova crise do tipo 1383-85. Agora por mór dos comprometidos com as potências centrais líderes da UE, mas sem empresários que se queiram meter aos descobrimentos do caminho marítimo (e aéreo) para a Europa, como alternativa ao funil Espanha-França.

E só nos faltava ainda que, para dar maior razão a Fernando Pessoa, a propósito da recente visita do 1º Ministro a Paris, se tivesse perguntado, em noticiário da TV portuguesa, se não seria boa altura para se substituir a velha aliança marítima com a Inglaterra por uma outra (continental) com a França.

10.03.97

Virgílio de Carvalho

1 - "Mensagem" (organização de António Quadros) - Livro de Bolso Europa-América LB. 435, Pag. 153/4

2 - "Diário de Notícias", 3.3.97

3 - No "Livro Branco" Política Marítimo-Portuária Rumo ao Séc. XXI", do Governo, apresentado em 7.3.97, fala-se de Sines para "Terminal de Gás Natural"

4 - "Portugal paga 200 Milhões aos Navios Estrangeiros" - "Diário de Notícias" 20.1.97

NOTÍCIAS DA IMPRENSA DIÁRIA

Transcrevemos a seguir, com a devida vénia, algumas notícias publicadas no jornal "Correio da Manhã" e que muito deverão interessar os nossos associados leitores deste Boletim. Por elas se vislumbram as irreversíveis dependências de Portugal em relação a Espanha, todas elas preparadas em nome da União Europeia, mas que, na realidade, nos transformam numa mera província da Ibéria. Vale a pena lermos essas notícias com a atenção que merecem.

Portugal e Espanha conservam florestas

As associações de silvicultores de Espanha e Portugal, reunidas este fim-de-semana em Elvas, assinaram um código de conduta no que se refere ao princípio da gestão sustentada das florestas ibéricas.

Esta é a primeira vez que os proprietários de florestas de ambos os países assumem um "compromisso de protecção".

As florestas nacionais ocupam mais de 35 por cento da superfície do país, superando assim estes valores a situação espanhola.

"Aliança Ibérica" contra exclusão da moeda única

As declarações de empresários e outros responsáveis económicos da Holanda e Alemanha, sugerindo a não entrada de países do Sul da Europa no primeiro pelotão da moeda única, provocou fortes reacções, quer em Lisboa, quer em Madrid. Portugal reagiu, quarta-feira pela voz de António Guterres e ontem em Madrid, o ministro espanhol dos Assuntos Exteriores e ex-comissário europeu, Abel Matutes, garantiu que Espanha cumprirá os critérios de convergência e por isso fará parte do clube do euro.

O Ministro de Assuntos Exteriores, Abel Matutes, voltou ontem a garantir que a Espanha "cumprirá os critérios de acesso" à moeda única e rejeitou as razões políticas utilizadas para a escolha dos países a integrarem o grupo da frente.

O ministro espanhol disse que Espanha "não necessita nem quer arranjos na aplicação rígida dos critérios de Maastricht" e acrescentou que o país "não precisa de prorrogações".

"Vamos cumprir as exigências", sublinhou Abel Matutes no encontro com os jornalistas em que criticou as "especulações"

sobre esses eventuais planos que "não fazem mais do que desestabilizar a peseta que, no entanto, está a aguentar-se bem".

Abel Matutes disse que Espanha se oporá a qualquer modificação dos calendários ou à aplicação de critérios políticos.

Manobras nos bastidores

As informações sobre o afastamento de Portugal e Espanha do primeiro pelotão da moeda única foi alvo de uma notícia no Financial Times, que referia que responsáveis de bancos centrais europeus estão já a preparar um plano que permita atenuar politicamente o impacto da provável exclusão da Itália na primeira vaga de países que vai trocar as respectivas moedas nacionais pelo Euro, a partir de 1 de Janeiro de 1999.

Trata-se de um compromisso que, de acordo com o FT, permitiria "salvar a face" do governo italiano, perante um adiamento da adesão do país à união monetária, e, simultaneamente, tranquilizaria os que, principalmente na Alemanha, receiam que a participação da Itália na primeira vaga comprometa a solidez e a estabilidade do Euro.

O plano em preparação, que, segundo a FT, "poderá ser extensivo a outros potenciais países da segunda vaga, como Portugal e Espanha", assentaria na promessa expressa de que a Itália entraria na união monetária europeia em 2000 ou 2001, ou seja, um ou dois anos depois do lançamento da moeda única.

Portugal e Espanha correriam assim o risco de "serem puxados" para fora do "pelotão da frente", para acompanharem o ritmo da troca da lira italiana pelo Euro.

Todavia, para diplomatas dos Quinze contactados pela agência Lusa, é ainda cedo para vaticinar quais os compromissos e "saídas airoas" que a imaginação dos dirigentes políticos europeus vai encontrar para os problemas sensíveis ligados ao arranque do Euro.

"Tudo dependerá da forma mais ou menos flexível, leia-se política, como forem analisados os méritos de cada Estado-membro" salientou um dos diplomatas.

Numa reacção à notícia da primeira página do Financial Times, um porta-voz da Comissão Europeia cingiu-se à posição oficial e ao estipulado no Tratado de Maastricht sobre a forma de selecção dos países para a União Monetária Europeia.

"Não há qualquer pré-selecção. Todos os Estados-membros têm vocação para participar, desde que cumpram os critérios de convergência", declarou o porta-voz do

comissário europeu Yves de Silguy, responsável pelos assuntos económicos e monetários, acrescentando que "a Comissão não está a examinar quaisquer mecanismos de transição", aplicáveis apenas a certos países.

Recordou, no entanto, que, nos termos de Maastricht, após o lançamento da moeda única pela primeira vaga de países, será analisada, de dois em dois anos, a possibilidade de cada um dos excluídos se juntar à União Monetária.

Portugal e Espanha "vendidos" em conjunto

O Governo vai "vender" em conjunto Portugal e Espanha em pacotes turísticos. Com efeito, o secretário de Estado de Comércio e Turismo, Jaime Andrez, propôs, em Madrid, que a Península Ibérica se torne um mercado turístico único a nível mundial. "Espanha e Portugal são hoje parceiros na União Europeia (UE), o maior mercado mundial, donde derivam maiores obrigações na cooperação e promoção turísticas, nomeadamente em relação a países terceiros e mercados transatlânticos", afirmou aquele responsável.

Jaime Andrez discursava no final do almoço oferecido pelo Turismo português aos agentes turísticos espanhóis, por ocasião da Feira Internacional de Turismo (Fitur).

Na opinião do secretário de Estado, "as grandes vantagens promocionais surgem da continuidade geográfica e da complementariedade paisagística, monumental e gastronómica".

"É necessário transformá-las em colaboração efectiva, não só entre os dois países, mas também entre as várias regiões vizinhas, que deverão transformar-se em parceiros promocionais na contribuição para a diversificação da oferta turística", acrescentou.

"Desta forma conseguiremos atrair mais e melhores turistas de mercados terceiros", salientou Jaime Andrez.

Durante a sua estada em Madrid, para assistir à abertura da Fitur, o governante português reuniu-se com o seu homólogo espanhol, Jose Manuel Norniella, a quem apresentará a sua proposta de desenvolvimento conjunto desta estratégia. Para o secretário de Estado "é possível consolidar a imagem da Península Ibérica como destino turístico mundial nos próximos anos, sobretudo em 1998 - o ano da última exposição mundial do século XX, a Expo 98 - é ano chave da consolidação dos nossos países como um grande destino turístico".

Jaime Andrez considerou que a Fitur "é uma grande contribuição para a criação desse mercado global com uma imagem renovada e competitiva, baseada num desenvolvimento equilibrado e repartido entre os empresários, turistas e as administrações públicas".

O governante adianta que os agentes turísticos portugueses devem abordar o mercado espanhol, apresentando-o como mercado peninsular pois sem este o português estreita-se e o espanhol aumenta".

Nesta estratégia a Expo'98 pode vir a ser o elemento catalizador", frisou.

Ceticismo nas Comissões Regionais de Turismo

A visão de Jaime Andrez foi aceite com reservas por alguns presidentes de Comissões Regionais de Turismo e agentes de viagens, considerando que em muitos países "predominam as imagens das características específicas de Portugal e Espanha".

A identificação poderia ser prejudicial para o turismo nacional dada a maior dimensão e esforço promocional do congénere espanhol", salientaram.

O administrador do ICEP para o Turismo, Jardim Fernandes realçou que Portugal e Espanha estão já a desenvolver algumas acções promocionais e comerciais em vários segmentos e mercados. "Por exemplo os transatlânticos, onde os operadores e companhias de aviação oferecem os dois países dentro do mesmo pacote turístico" frisou o responsável do Investimentos Comércio e Turismo (ICEP).

"Contudo, no mercado europeu deve prevalecer a imagem da identidade turística de cada país", concluiu.

A participação de Portugal na Fitur baseia-se num pavilhão de mais de 600 metros quadrados, integrando mais de 40 expositores, entre eles as Comissões Regionais de Turismo, companhias de aviação e algumas empresas turísticas.

SEMINÁRIOS PROMOVIDOS PELA SHIP

Conforme calendário das actividades da SHIP no mês de Março, prosseguem as sessões referentes aos seminários "História do Século XVII" e "O Cristianismo no Japão nos Séculos XVI e XVII", para os quais se inscreveram associados em número aceitável. Estes Seminários deverão prolongar-se até ao final do ano de actividades, isto é, Maio / Junho p.f..

VISITA PROMOVIDA PELO NÚCLEO FEMININO

O operoso Núcleo Feminino da SHIP promoveu uma visita à "Aldeia mais Portuguesa de Portugal" premiada com esta designação num concurso levado a cabo pelo antigo SNI: a aldeia de Monsanto. Mas esta visita, que se realiza nos dias 21 e 22 de Março (Sexta e Sábado), não se confina a Monsanto: serão percorridos, também, Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha e Penha Garcia. E no próximo número do Boletim contamos poder dar conta das impressões deixadas aos participantes por todos estes locais percorridos.

VIAGEM A MACAU, CHINA HONG-KONG E BANGKOK

É já no próximo mês de Abril, mais concretamente no dia 16, que 45 sócios da SHIP se deslocarão ao Oriente. A principal intenção é visitarmos Macau pela última vez, isto é, ainda antes da transferência da administração do território para a China. Depois, daremos um breve salto à China - Pequim, Xian e Quilin -, não apenas para vermos as maravilhas arquitectónicas e paisagísticas daquele País, mas também numa rápida tentativa de "sentirmos" aquele povo, que irá tomar posse de Macau. E, por último, a passagem por Hong-Kong - que daí a 2 meses também voltará a ser entregue à China -, e por último Bangkok, onde nos dizem as senhoras "perderem a cabeça" em compras, com preços impensáveis.

Esperamos que, no Boletim de Maio, possa vir um relato sobre esta viagem da SHIP, escrito por algum dos sócios que nos acompanharão nesta viagem de 14 a 30 de Abril p.f..

EXPOSIÇÃO "O QUOTIDIANO NA IDADE MÉDIA"

Em boa hora a SHIP resolveu fazer, todos os anos, uma exposição didáctica, destinada quase em exclusivo aos jovens dos 1.ºs anos de escolaridade.

A do ano lectivo passado, sobre D. João II, teve extraordinário êxito, tendo sido visitada por 3568 alunos dos ensinos básico e secundário, acompanhados dos respectivos professores, representando 58 estabelecimentos de ensino.

Esta, subordinada ao tema "O Quotidiano na Idade Média", tem despertado enorme interesse entre os jovens, tendo sido visitada, até 16 de Janeiro, por 2187 alunos, dos

vários graus de escolaridade, representando 46 estabelecimentos de ensino.

A exposição, que se previa encerrar em Março, vai ficar aberta até ao fim de Junho, de modo a podermos atender os inúmeros pedidos que, no total, ainda deverão trazer à SHIP mais 9078 alunos, de 137 escolas.

A Sociedade Histórica irá prosseguir na montagem deste tipo de exposições didácticas destinadas aos alunos das escolas, carentes desta visualização da nossa História.

CASA DE PORTUGAL NO RIO DE JANEIRO

A Sociedade Histórica tem gozado do privilégio de ser representada no Rio de Janeiro, há longos anos, pela Casa de Portugal que, na data do 1.º de Dezembro, sempre se tem associado às celebrações da SHIP quer em Portugal quer noutras partes do Mundo, promovendo sessões comemorativas de sua iniciativa e de que sempre damos conta no nosso Boletim.

A Casa de Portugal no Rio de Janeiro mudou há pouco de Diretoria. E, ao divulgar aqui os nomes dos seus novos Dirigentes, a SHIP endereça-lhes os seus melhores votos de felicidades, desejando-lhes a maior e indispensável determinação para levar a bom termo as espinhosas missões porque se reparte a actividade dessa prestigiosa Instituição.

DIRETORIA

Presidente: Carlos Eurico Soares Felix.
1.º Vice-Presidente: Alberto de Figueiredo Nunes; 2.º Vice-Presidente: Acácio Francisco Reimão; 1.º Secretário: José Matos da Silva Neto; 2.º Secretário: Joaquim Simões de Faria; Diretor Síndico: Manuel Paulino; 1.º Tesoureiro: Victor Manuel Vieira Rocha Faria; 2.º Tesoureiro: Isaac Pamplim Baudoim; 1.º Procurador: Diamantino Pinto; 2.º Procurador: José da Costa Fernandes; 1.º Diretor do Hospital: António Mesquita Rebelo; 2.º Diretor do Hospital: Basílio Ricardo Borges Guerra; Diretor Cultural: Bernardino Alves dos Reis; 1.º Diretor de Instrução: José Inácio da Silva; 2.º Diretor de Instrução: Pedro Fernandes Retto; Diretor Social: Nelson Branco; Diretor de Património: João Abreu Ribeiro.

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Mario José Novo, Américo da Silva Barros, Antero de Macedo

Suplentes

António Pinto, João António Rodrigues Lima, António Saldanha de Vasconcelos.

REFERÊNCIA AO BOLETIM DA SHIP

Foi para nós uma agradável surpresa verificar que o Boletim da SHIP é lido e "apreciado" fora do restrito número dos seus associados.

E isto a propósito de uma local publicada no semanário "Festa Brava", de 13 de Fevereiro último, em que se referem os nossos "Pontos de Reflexão". Foi para nós motivo de satisfação verificar que, num jornal que privilegia os toiros e os cavalos, há espaço para apreciar e comentar factos do quotidiano político português e principalmente, da nossa cultura. Muito gratos ficamos ao articulista, que assina H.B.R., por se ter debruçado sobre os nossos "Pontos de Reflexão" e referindo o nosso sócio e constante colaborador Snr. Comandante Virgílio de Carvalho, empenhado como nós na defesa da Independência de Portugal e da nossa Identidade. Como aliás os Estatutos da SHIP a isso nos obrigam.

Ainda o mapa. O Comandante Virgílio de Carvalho, continuando a sua acção a favor da independência nacional, na sua habitual "Reflexão" no *Boletim da Sociedade Histórica*, protesta contra "o descarramento de o Governo da Estremadura espanhola patrocinar a publicação dum atlas a figurar na Expo'98, onde o Alentejo e a Estremadura portuguesa (incluindo os estratégicos litoral e portos de águas profundas de Sines e Setúbal), surgem integrados numa só região, sob tutela das autoridades de Madrid". Continuamos sem conhecer como reagiu o Governo Português. E faz falta essa informação. Quanto à regionalização portuguesa, julgamos, ao contrário do ilustre estratega (cujas opiniões nos merecem grande reflexão), que seria preferível termos nós dado já os passos decisivos, que a Europa espera de nós. Se não formos nós a criar as nossas Regiões, a Espanha se encarregará de o fazer, com o (in)devido apoio do Federalismo europeu, o qual, ainda que seja impossível, pode deixar vestígios em certos espaços do Continente. Voltamos a aplaudir a oportuna comparação feita pelo Sr. Comandante com as políticas da Irlanda e da Dinamarca, países menos extensos e menos povoados do que Portugal. *HBR*

AGUARELAS DA CAPA E CONTRA CAPA DO BOLETIM

No n.º anterior deste Boletim, referente a Fevereiro p.p. não foi dito que as aguarelas da capa e contra-capas são da autoria de Roque Gameiro.

Do lapso pedimos as nossas desculpas.

MAIS UMA SESSÃO DE FADOS NA SHIP

Em Maio p.f., em dia a anunciar, realizaremos mais uma sessão de fados, aqui na Sede da SHIP. Será a 1.ª da série que, conforme anunciamos, será temática. E desta vez dedicaremos o serão ao célebre fadista de Lisboa Alfredo Marceneiro. Falar-se-á dele, do seu estilo próprio, dos fados que interpretou e dos que ele próprio escreveu.

Uma vez mais a Sociedade Histórica conta com a imprescindível colaboração, a todos os níveis, da Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado, sem a qual não seriam possíveis estas sessões.

Esperamos que os nossos associados - e também os membros da Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado - acorram a mais esta sessão promovida pela SHIP, e que constitui uma portuguesíssima manifestação do sentimento musical do nosso povo.

FOTOGRAFIAS DE GUIMARÃES E BRAGA

Quando da ida de uma representação da SHIP a Guimarães e Braga, fez parte desse grupo a nossa sócia Dra. Maria da Graça Tavares Janz. Esta Senhora, além de ter participado, com todo o empenho, nas diferentes cerimónias que culminaram com o descerramento da coroa de louros em bronze junto ao túmulo do Conde D. Henrique, como homenagem da SHIP aos 900 Anos do Condado Portucalense, teve ainda tempo para fotografar tudo por onde passou. E ofereceu à nossa Sociedade uma enorme coleção dessas magníficas fotografias de Braga e Guimarães, dos monumentos que visitámos, dos vitrais de igrejas, das pias baptismais, etc, etc.

É uma excelente e preciosa documentação fotográfica, que a SHIP agradece, penhorada, à Dra. Maria da Graça Janz.

INSTITUTO DE FILOSOFIA LUSO-BRASILEIRA

O Instituto de Filosofia Luso-Brasileira está a efectuar na Universidade Nova de Lisboa, em colaboração com o Centro de História da Cultura - daquela Universidade, um "Curso Livre de Filosofia Luso-Brasileira - Séc. XVII / XX", de Janeiro a Dezembro do corrente ano, a cujas sessões podem assistir os nossos consócios, eventualmente interessados.

As sessões de Janeiro e Fevereiro foram preenchidas com os seguintes temas: Conceito de Filosofia Luso-Brasileira, Padre António Vieira, Matias Aires, Luis António Verney, Tomás António Gonzaga, Silvestre Pinheiro Ferreira, Domingos Gonçalves de Magalhães e Amorim Viana. O restante calendário é o seguinte:

Março

- Dia 6 - Cunha Seixas - Eduardo Abrantes de Soveral
- Dia 13 - Tobias Barreto - Pedro Calafate

Abril

- Dia 10 - Antero de Quental - Leonel Ribeiro dos Santos
- Dia 24 - Domingos Tarroso - José Esteves Pereira

Maio

- Dia 8 - Sampaio Bruno - Manuel Gama
- Dia 15 - Farias Brito - António Braz Teixeira
- Dia 22 - Leonardo Coimbra - Manuel Cândido Pimentel

Outubro

- Dia 23 - Miguel Reale - Manuel Cândido Pimentel
- Dia 30 - Álvaro Ribeiro - Joaquim Domingues

Novembro

- Dia 6 - José Marinho - Jorge Croce Rivera
- Dia 13 - Delfim Santos - Maria de Lourdes Sirgado Gelho
- Dia 20 - Vicente Ferreira da Silva - António Braz Teixeira
- Dia 27 - Eudoro de Sousa - Eduardo Abrantes de Soveral

Dezembro

- Dia 4 - Agostinho da Silva - Paulo Borges
- Dia 11 - Renato Cirell Czerna - António Braz Teixeira

As diferentes matérias são tratadas pelos Snrs. Drs. António Braz Teixeira, Paulo Borges, Pedro Calafate, Eduardo Abrantes de Soveral, Leonel Ribeiro dos Santos, José Esteves Pereira, Manuel Gama, Manuel Cândido Pimentel, Joaquim Domingues, Jorge Croce Rivera, Maria de Lourdes Sirgado Gelho e Paulo Borges.

VISITA À CASA-MUSEU CASTRO GUIMARÃES

Em 5 de Fevereiro p.p., o Núcleo Feminino promoveu uma visita ao Museu de Castro Guimarães em Cascais. Sobre o que viram nos dá conta a nossa sócia Dra. Margarida Cabral Valente, com a pormenorização possível no curto espaço de que dispomos.

O Núcleo Feminino da SHIP promoveu em 5 de Fevereiro uma visita à antiga Casa do Conde de Castro Guimarães, hoje integrada por testamento no Museu do Município de Cascais.

É um pequeno palácio de feitio extravagante, junto ao mar, diante de uma ponte rústica, contíguo a um grande jardim. De inspiração romântica, com apontamentos medievais renascentistas, data do último quartel do século XIX e foi construído ao gosto do irlandês Jorge Oneil que mais tarde o vendeu com recheio ao Conde de Castro Guimarães.

Este viveu entre 1858 e 1927, era formado em direito e estudara música com mestres de nomeada em Paris. A situação económica e o seu próprio gosto permitiam-lhe o convívio frequente dos amigos e de coisas belas.

Permanecia largo tempo nesta sua casa de Cascais e aí reuniu um biblioteca de mais de 3000 livros, sobretudo de história e diversos manuscritos, sendo primordial a aquisição da "Crónica de D. Afonso Henriques", de Duarte Galvão que pudemos ver aberta na página em que uma iluminura retrata a Lisboa de 1500, e de outros, menos vistosos mas sempre importantes para conhecimento do passado - cartas de monarcas, de D. João II a D. Sebastião trocados com os Vimieiros, parentes do Conde, que a Câmara Municipal viria a publicar em 1968.

Com um prefácio seu, dera à estampa, na comemoração da morte do cronista, a citada crónica, destinando o produto da venda à Misericórdia de Cascais.

A música também teve um lugar grande na sua biblioteca - partituras, libretos, livros didácticos. O Conde compunha e executava, ouvia tocar os seus amigos e convidava personalidades de mérito para o fazerem em sua casa.

Encomendou em Braga o precioso órgão que pudemos ver num salão e observámos que para tirar todo o efeito da sua sonoridades mandou proceder a uma obra que alteasse o tecto. Os caixotões desse tecto ostentam pinturas das armas da família.

Um vasto leque de pintores criou os muitos quadros que nos foi dado ver e apreciar. Cito: Grosso, Madrazzo, Pelligrini, João Vaz, Ferreira Chaves, Bonvalot, António Carneiro..., alguns adquiridos já depois da instituição do Museu.

Pratas, estatuetas, loiças da Companhia das Índias e não só, as belas encadernações dos livros, três grandes colchas orientais, os azulejos das paredes, tudo isso impede a tentação de ficar a olhar por uma janela manuelina a paisagem suave - que pode tornar-se empolgante quando o mar agitado galgar até à areia da praiazinha privativa. Desce-se para ela por uma escada exterior. Limita-a um bosque de cedros onde por desejo manifestado, D. Manuel de Castro Guimarães e sua mulher estão sepultados desde 1936.

As árvores e as flores eram outros dos seus grandes interesses e, nos jardins, continuam muito cuidados.

Um claustrozinho onde há uma réplica da fonte do leão do claustro dos Jerónimos é o pitoresco espaço de comunicação com o exterior. Envolvem-no azulejos coloridos imitando hispano-árabes.

Lembrando o primeiro proprietário, é curioso olhar o tecto de uma das salas ornamentado simplesmente com grandes folhas de trevo, evocação do patrono da Irlanda, S. Patrício.

Próxima, na cerca, fica a capelinha de S. Sebastião, seiscentista com seu alpendre e os notáveis azulejos, adquirida também pelo nobre-mecenas.

O que vimos leva-nos a pensar que Cascais recebeu dele um delicado e valioso presente.

Margarida Cabral Valente

CONCERTOS CORAIS

Ciclo "Concertos da última sexta-feira de cada mês"

- 4.º Concerto da 8.ª Temporada

CORO DE SANTA MARIA

No dia 31 de Janeiro de 1997, voltámos a ter connosco o CORO DE SANTA MARIA, da Buraca. Este Coro decompõe-se em três núcleos: Infantil, Juvenil e Adulto, qualquer deles já nosso conhecido. Desta vez apresentou um conjunto de elementos dos Coros Infantil e Juvenil.

O CORO DE SANTA MARIA iniciou as suas actividades em 1988, acompanhando as cerimónias litúrgicas na Igreja da Buraca. Sempre sob a direcção artística da Maestrina Maria Fernanda Queirós, foi ganhando mais adeptos e alargando o seu repertório que actualmente já ultrapassa as 650 peças, abrangendo Polifonia Clássica e Contemporânea, música sacra, espirituais negros e música popular portuguesa e estrangeira.

Tem um currículum interessantíssimo com participações em Concertos ou Encontros de Coros, dentro e fora do país, e obtendo vários prémios. Tentando

recuperar uma antiga tradição, todos os anos canta as "Janeiras", percorrendo as ruas da sua freguesia.

Mais recentemente, a vertente Juvenil integrou o Grande Coro da Cantata "Louco por Deus na Hospitalidade", do Cónego Dr. Ferreira dos Santos, nas comemorações dos 500 anos do nascimento de S. João de Deus, com concertos em Montemor-o-Novo, em Lisboa, no Mosteiro dos Jerónimos, no Centro Paulo VI, em Fátima, no Coliseu do Porto e novamente nos Jerónimos numa recepção do Presidente da República ao Corpo Diplomático.

O Coro que nos visitou alcançou já uma grande qualidade, sendo - sem desprimo para os outros - um dos melhores Coros que já se apresentaram nos nossos Concertos que, como sabem, já vão na oitava temporada. Fora a inegável capacidade musical, apresentam características muito particulares na sua actuação, com interessantes jogos cénicos e uma busca de transmitir aos assistentes a satisfação que sentem ao cantar. E conseguem-no.

A direcção da Maestrina demonstra uma grande sensibilidade e um conhecimento perfeito de cada um dos Coralistas, o que é compreensível considerando que praticamente todos começaram a cantar, muito jovens, neste Coro, e que os ensaios e a convivência durante estes anos funcionaram como se de uma escola de música se tratasse. Dizer que é compreensível não significa que seja fácil! Foi e é necessário muito trabalho e muita dedicação - de todos - para se atingir este nível. Aliás, nota-se que existe uma sintonia, quase que uma "cumplicidade", neste Coro.

Depois de uma entrada já a cantar, em pequenos grupos, como que em brincadeira, começaram a ouvir-se as notas puríssimas da Ave Maria, de Schubert, que um soprano veio cantando, entrando pelo fundo do salão. Só quando chegou junto ao Coro é que se lhe juntaram as outras vozes, iniciando-se da melhor forma o programa. Seguiram-se Veni Domine, Ave Verum, de Mozart, por um octeto de quatro raparigas e quatro rapazes; Panis Angelicus, de Cesar Frank, com solos de soprano e contralto; Belle Nuit, de Offenbach, com três solistas; It's me, o Lord, de Josly, e Come Again, de John Dowland, com solista; Oh, Happy Day, espiritual negro, no qual todo o Coro faz um acompanhamento rítmico corporal de belo efeito, com solo de soprano e acompanhamento a órgão; Dana-Dana, de Lajos Bárdos; O Sole Mio, tradicional italiana, num arranjo de Ricardo Giavina; Memory, de Andrew Weber, com um arranjo de José Firmino; Tia Anica de Loulé, popular do Algarve, com harmonização de Mário de Sampayo Ribeiro; Trai-Trai, de Manuel de Faria; Serra da Estrela, de António Leitão, com solo de soprano e acompanhamento a guitarra; A Barquinha Feiticeira, popular da

Ilha do Pico, com harmonização de Emílio Porto; Heal the World, de Michael Jackson, com harmonização de Sylviane Homberger.

Como se pode constatar, um belo programa, que se desenvolveu numa sucessão de pequenas surpresas; cada

música tem as suas roupagens, o seu tratamento, a sua intenção específica. E o público ficou contagiado por esta versatilidade aliada a uma grande alegria e juventude. E, como tal, aplaudiu bem e com sinceridade.

Eu também aqui deixo o meu aplauso. E mais: o meu "Muito obrigado" pela lição de Música e de como se canta em coro que nos proporcionaram.

J. Paulitos

PRÉMIOS SHIP

Mais uma vez a SHIP vai atribuir os seus prémios "Imprensa Regional", "Monografia" e "Identidade Nacional- Engo Sande Lemos", referentes a 1996. Desta vez, a monografia deverá versar o tema "O Padre Luis Fróis - Um Cronista no Japão" em virtude de, no presente, a SHIP estar a realizar um Seminário sobre "O Cristianismo no Japão nos Séculos XVI e XVII".

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os anúncios destes prémios publicados neste Boletim.



SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

PRÉMIOS LITERÁRIOS 1996

PRÉMIO IMPRENSA REGIONAL

– Valor 50 000\$00 e troféu (¹)

PRÉMIO MONOGRAFIA

– Valor 125 000\$00 e troféu (²)

Prazo de entrega dos trabalhos:
até 15 de Março 1997

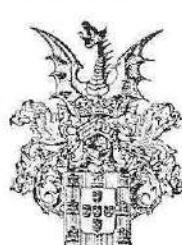
(¹) a conceder ao melhor artigo publicado na Imprensa Regional em 1996 e que se enquadre nos princípios defendidos nos Estatutos da SHIP.

(²) a galardoar a melhor monografia sobre
«PADRE LUIS FRÓIS - UM CRONISTA DO JAPÃO»

ENTREGA DOS TRABALHOS

Secretaria da SHIP – Palácio da Independência
Largo de S. Domingos, 11
1150 LISBOA
Telefone 342 89 87

**CONSULTA
DOS REGULAMENTOS**
Secretaria da SHIP



SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

PRÉMIO ABOIM SANDE LEMOS - IDENTIDADE PORTUGUESA ANO DE 1996

**TEMA: Identidade Portuguesa nos campos
da Cultura e Arte**

VALOR 400 000\$00 e Troféu

PRAZO DE ENTREGA DAS CANDIDATURAS:
15 de Março 1997

Reservado a Autores Portugueses

Este ano contempla a Obra, Individualidade ou Instituição que se tenha distinguido como difusora da Identidade Portuguesa nos campos da Cultura e da Arte.

Entrega das candidaturas e obtenção dos regulamentos

Secretaria da SHIP – Palácio da Independência
Largo de S. Domingos, 11
1150 LISBOA
Telefone 342 89 87

**CONSULTA
DOS REGULAMENTOS**
Secretaria da SHIP

PERIGOS DE ARTIGOS DE OPINIÃO SEM CONTESTAÇÃO ADEQUADA

A generalidade dos periódicos portugueses não têm por hábito, salutar, ao contrário do que acontece noutras países, pôr lado a lado artigos com opinião diferente sobre assuntos polémicos. O que é grave em casos que, pela sua importância, não deveriam sequer ser objecto de decisão política sem informação adequada de forças políticas capazes de poder vir a ser poder pela via democrática, e da opinião pública, para se poder chegar a prévio consenso nacional devidamente fundamentado.

É, por exemplo, o caso da regionalização do Continente, que não há o direito de aplicar sem mais nem menos a um país tão vulnerável como o nosso, pela fragmentariedade potencial que lhe advém do seu muito especial geofactor (descontinuidade territorial e um Continente que é uma faixa litoral extensa no sentido Norte-Sul, que os entendidos classificam, respectivamente, como segunda e terceira condições mais perigosas de fragmentariedade), a juntar a uma população que, pela sua idade, os mesmos entendidos pensam que poderá tender para a desintegração, ainda por cima com o Continente rodeado de Espanha por todos os lados menos pelo do mar, com um comportamento histórico hegemónico.

Recentemente, quanto ao Norte e ao Sul do Continente, têm surgido artigos invocando razões históricas para justificar a sua regionalização, abrangendo inclusive regiões vizinhas da Espanha, as mesmas que, obviamente, deveriam ser consideradas para se pôr de parte tal pretensão, só explicável pela mentalidade de subsídio de que os alemães ocidentais já se queixam quanto aos seus concidadãos orientais, que lhes parecerão pouco inclinados a resolver por si os seus próprios problemas. Os do Sul lembrando passado comum árabe com a Andaluzia, os do Norte língua e cultura afins com a Galiza.

Nenhum dos articulistas em questão se lembrando que Portugal não é só Continente, é também Madeira e Açores, o que quer dizer que Andaluzia e Galiza nada dizem aos das Ilhas, que a Andaluzia não

interessa aos do Centro e do Norte, e que a Galiza não importa aos do Centro e do Sul. E os do Norte esquecem, ou ignoram que, dos galegos, um terço é por Portugal, outro é pela mais rica Espanha, e outro, embora indiferente, tenderá a pender também para donde vem mais dinheiro, como aconteceu há oito séculos, quando a Galiza preferiu ficar agarrada à terra para explorar os caminhos dos peregrinos de Santiago, preferindo espanholizar-se a acompanhar Portugal nas agruras e nas glórias do mar e da independência.

O caso é tanto mais grave, e urgente, quanto é certo que tais artigos de opinião são em regra muito bem escritos, e omitindo, invariavelmente, as razões mais elementares de segurança, de brio e de orgulho de ser português, para os fazer valer. O que, no mínimo, revela confirgadora ignorância quanto a cultura estratégica, da qual resultou afinal a cultura humanista e universalista que saiu da histórica saga de Portugal que, para conseguir ser a única nação da Península a impor a sua individualidade de País, se litoralizou do Minho ao Algarve, se atlantizou povoando e desenvolvendo Açores e Madeira, e se universalizou e humanizou pelos Descobrimentos, ao pôr em contacto mais directo culturas, etnias, religiões e economias. É motivo, salvo melhor opinião, para que a Sociedade Histórica da Independência de Portugal tome posição.

6.02.96
Virgílio de Carvalho

cabeça de gigante em corpo de pigmeu, o maior obstáculo à absorção de Portugal pelo restante corpo peninsular.

D. João II dizia ser preciso conter a Espanha em terra e batê-la no mar. E Jaime Cortesão «esclareceu» que bastaria a Portugal afirmar-se positivamente para o lado do mar, o que o espanhol Miguel de Unamuno corroborou, ao dizer que o que faz Portugal é o mar. O que também quer dizer que, para acabar com o País, bastará voltá-lo para terra.

Tudo significando, ao fim e ao cabo, que se impõe manter Portugal bem concentrado e os Portugueses bem instruídos e informados, e aproximá-los da Europa como País mais euro-atlântico e universalista do que ibérico. O que, além de evitar o risco de se transformar a sua integração na Europa em integração na Península Ibérica, lhe trará por certo mais respeito internacional, nomeadamente no Mundo Lusófono, e maior peso em Bruxelas, e na NATO, onde a Espanha parece estar a bater Portugal.

É correcta a tese francesa de que os países poderão ser tanto mais ameaçáveis quanto mais vulneráveis forem. Pelo que, a ser assim, a威脅à sua existência poderá estar mais dentro que fora deles, e no seu factor humano.

Richelieu disse um dia que Portugal é uma Catalunha que conseguiu ser país. Mas a verdade é que Portugal é bem mais que isso, pois foi bastante mais longe, ao conseguir obrigar o Papa a dividir o mundo descoberto e por descobrir, pelo Tratado de Tordesilhas, entre si e o resto da Península unida pelos Reis católicos com o nome de Espanha. Élaine Sanceau lembrou a tal propósito que Portugal descobriu dois terços da Terra, e Stefan Zweig que isso foi conseguido porque talvez nunca uma nação se concentrasse tão generosamente como Portugal. Mas, se Portugal pôde fazer o que fez, também é porque a sua posição marítima, (entre os mares do Norte e Mediterrâneo, aberta ao Atlântico sem fim) e os seus litoral e portos vizinhos de mui frequentadas rotas oceânicas, são potencialidades propícias ao efeito, sem paralelo na Península Ibérica. O que até quer dizer que, numa eventual integração ibérica, os Portugueses tudo teriam a perder, e os Espanhóis tudo a ganhar. São por isso de recear, e muito, projectos de desconcentração do Continente por meio de regionalizações e projectos ibéricos transfronteiriços paralelos, a pretexto dumha União europeia que ninguém sabe sequer ainda como vai terminar. E que a maior pressão para se levarem a cabo tais projectos venha dum Norte onde se desenvolveu a burguesia marítima que impôs aos iberistas de então a opção atlântica nacional – a do maior desenvolvimento na maior segurança. A qual foi preparada por D. Dinis que, sabiamente, desenvolveu os estudos universitários que deram aos Portugueses a indispensável cultura estratégica, de acção (não apenas a clássica, contemplativa) cuja falta se estará a tornar porventura na mais perigosa, por ser explorável, vulnerabilidade nacional.

Tudo razões fortes para lembrar aos que dizem não suportar o poder centralizador de Lisboa, que Oliveira Martins disse ser ela

OUVIR A OPINIÃO PÚBLICA

de sectores comercial e empresarial da Galiza e de Portugal para o efeito, no âmbito do que chamou "estratégia atlântica".

Será que a Galiza pretende mostrar a Madrid que a sua autonomia pode afinal ser útil instrumento para atrair Portugal, e a própria Lusofonia, ao propalado projecto Iberoamérica que engloba Lusofonia e Hispanidade? Pode ser que não. Mas, à cauteira, é de nos lembarmos de que J. Cortesão dizia que a melhor maneira de defender Portugal consiste em afirmá-lo positivamente para o tal mar que o faz, onde D. João II havia recomendado que se batesse a Espanha. Mar esse que deve ser considerado como englobando tudo o que possa conferir suficiente poder centrífugo económico e cultural a Portugal, isto é: o litoral, os portos, os rios navegáveis, a Madeira, os Açores, os países que falam português, os aliados marítimos da América do Norte e da Europa do Norte, etc. O que faz com que a Espanha deva ser tomada mais como um país de competição do que de cooperação. Mesmo na Europa. Principalmente na Europa, onde as "fronteiras" são, naturalmente, mais permeáveis a estratégias aliciantes do tipo Sun Tsu.

Os países são tanto mais ameaçáveis quanto mais importantes e vulneráveis são. Pelo que há que reduzir vulnerabilidades. Por exemplo, no caso de Portugal, evitar regionalizações que, podendo expôr as suas periferias a assédios externos, não garantam a prossecução do Objectivo Nacional Permanente histórico (a aceitar por todas as forças políticas) do maior desenvolvimento na maior segurança. Nomeadamente porque a União Europeia não é meta fácil e não está ainda aceite por todos. Ou seja, não é coisa que, no mínimo, possa chegar depressa.

Tudo razões para se ter o cuidado elementar de avaliar se o que pode ganhar-se com a regionalização é valor mais importante que a coesão, o prestígio, a influência, a coerência e o poder negocial do País na Lusofonia e na Europa, que podem perder-se.

Quanto fica para trás, suscita naturalmente uma interrogação: por que havia de mudar a Espanha? Por que abandonar um sonho multissetecular? E que se opõe à execução prática da tese Meseta e Litoral? Em verdade, nada, rigorosamente nada – salvo a vontade, a resolução, a lucidez, a capacidade, a consciência nacional, o rasgo dos Portugueses. Em qualquer caso, objectivamente, não há por que criticar a Espanha. É um grande povo; está no seu papel; está na sua lógica; mas não está no seu direito. Quando dizemos a um francês, ou a um inglês, ou a um italiano, que admiramos o seu país, mas não queremos ser franceses, ingleses ou italianos, acham a afirmação óbvia: admiram também muito Portugal mas não querem ser portugueses. Se com toda a simplicidade afirmamos a um espanhol a nossa admiração pelo seu país, mas acrescentamos que não queremos ser espanhóis este mostra-se surpreendido e afrontado, tem-se por ofendido, e considera que se está a ser anti-espanhol. Como explicá-lo? Nós, Portugueses, parecemos porém não estar por vezes à altura dos destinos que são os nossos, e dos nossos incontestáveis direitos. Se o iberismo avançar, são culpados os Portugueses. Todos os Portugueses. Em consciência, com objectividade e com isenção não podemos responsabilizar este ou aquele vulto político, este ou aquele partido, este ou aquele círculo social ou económico. São responsáveis – apenas todos os Portugueses. "todo o povo que se esquece da terra em que nasceu e contempla indiferentemente as cores estrangeiras que a proclamam vencida – é um povo morto, uma nação cujo espírito passou enquanto o corpo se dissolve" (Rebelo da Silva, *Bosquejos Histórico-Literários*, I, 72) (29).

(29) Julgo estar bem consciente de que o problema do iberismo, para ser tratado em toda a extensão e profundidade, requereria um grosso tomo pelo menos. O autor sabe que muito e muito ficou por dizer; e ainda haverá mais a dizer e que o autor não sabe. Mas as páginas que antecedem serão talvez bastantes, como ponto de partida, para o leitor curioso ou preocupado se lançar nas suas reflexões ou até nas suas investigações.

(Dr. Franco Nogueira, in "Juízo Final",
pág 157/8 - Civilização Editora, 1992)

Com a evidência dos factos, e só esta, e que deve recusar-se a qualqueremoção ainda que legítima, haverá de dizer-se que do lado espanhol se estão a utilizar instrumentos culturais, económicos, políticos, militares. No plano cultural, e em síntese: penetração da televisão espanhola, que cobre bem um terço do território nacional; exibição de filmes espanhóis não legendados em português; aliciamento da juventude portuguesa raiana para se deslocar a território espanhol; esmagamento dos descobrimentos portugueses com os descobrimentos espanhóis, que já conseguiram chegar aonde nunca chegaram, multiplicação dos encontros de poetas de expressão ibérica, de técnicos de expressão ibérica, de comerciantes e empresários de expressão ibérica, de jornalistas de expressão ibérica, e houve mesmo um encontro ibérico de municípios (em Lagos, em 1988, segundo a imprensa); sugestão por alguns da possibilidade de a língua espanhola ser uma opção nos liceus portugueses (28) e uniformização da História de Portugal e da de Espanha, de modo a eliminar da primeira quanto a possa exaltar e quanto – possa desagradar à segunda. Reitores das Universidades do Minho, Porto e Vila Real, reuniram-se com os das Universidades espanholas de Corunha, Santiago de Compostela e Vigo, e concordaram em que os alunos portugueses daquelas universidades do Norte de Portugal poderiam fazer a sua formação académica naqueles três centros de ensino superior da Galiza (Diário de Notícias, 4-XII-91). Tudo isto na orientação preconizada por Sinibaldo de MÁS: criar a habitualidade do iberismo no espírito e na alma do povo português. E depois o uso de instrumentos económicos: compras de excelentes locais na cidade de Lisboa e nos arredores do Porto, e outros sítios; aquisição do controle de bancos, companhias e empresas de Portugal por capitais espanhóis; compras por parte de espanhóis feitas com financiamentos portugueses; investimentos espanhóis que não se destinam a criar riqueza nova mas a financiar simples transferências de propriedade; desenvolvimento em comum dos territórios fronteiriços, estando naturalmente os Espanhóis prontos a tomar à sua custa o maior quinhão das despesas e ficando cerca de dois terços do continente

português cobertos por esse desenvolvimento comum (veja-se, por ex., António Pintado e Eduardo Barrenchea, *La Raya de Portugal*, la frontera del subdesarrollo, Cuadernos por el dialogo, Madrid); construção de vias rápidas para Espanha, aparentemente na convicção de que se estão a lançar para a Europa; acolhimento de esquemas como o eixo Minho-Galiza ou Andaluzia-Algarve, já velhos desde antes de Filipe II, e cujo real significado e propósito vimos há pouco; abandono da marinha mercante, passando a usar os transportes terrestres para a esmagadora maioria das nossas exportações e importações; e por tudo não haverá causar surpresa que a mesma revista *Cambio 16* haja escrito em largas parangonas que o capital espanhol pôs cerco à economia portuguesa (número de Dezembro de 1989).

(*Franco Nogueira, in Juizo Final, pag 155/6*)

(28) Este ponto suscita alguns reparos. Para lerem os livros da grande cultura espanhola, os Portuguesas não precisam de aprender espanhol. São outros, portanto, os objectivos. Acaso se julgará que optar pelo espanhol é o mesmo que optar pelo italiano, ou sueco, ou sânscrito? Há que reflectir em que, por detrás da opção pelo espanhol, há logo a poderosa vontade de Espanha, os poderosos meios de Espanha, e o aliciamento e exploração que se fariam de quantos jovens portugueses fizessem tal opção, através de subsídios, bolsas de estudo em Espanha, etc.

lançar para lá da apagada barreira do Caia ou de Valença ou de Vilar Formoso ou de Vila Real de Santo António; quanto mais se esquecer do significado de certos nomes de pedra e fogo, como sejam Chaves, a Guarda ou Elvas; quanto mais julgar dignamente possível passar um véu por cima de Olivença, mais depressa, mais pesadamente cairá no seu pretenso voo carolíngio.

Porque o Império Carolíngio nunca fez parte da nossa vocação. Nunca o odiámos. Nunca o pudemos amar. Uma das nossas sementes é borgonhesa. Mas a tradição genealógica por longos séculos a declarou "húngara". E os Reis carolíngios que nos governaram não foram reis segundo o coração de Portugal. (Mesmo se o 1.º dentre eles tiver sido, seguramente, um enfeitiçado da nossa terra, da nossa arte, das nossas Letras!)

Mas nenhum português castigo e natural achará admissível que esta Terra se torne uma espécie de Suíça, aninhada e singela, laboriosa e feliz por não sair de si mesma, por nunca haver sonhado...

E, enquanto o espírito do Velho do Restelo (ou o que, dele, mais claro ficou por estes ares) rejubila por ver regressadas as naus e as galés, outros navegadores, outros guerreiros, outros cientistas e missionários preparam com espírito mais próximo do do Quinto Império, e outras armas mais irénicas (**peço atenção: irénicas**), um novo abraço ao Mundo.

Que seja sempre ao serviço de Deus!

Henrique Barrilero Ruas

Uma bela noite de Maio de 1948, foi-me dado assistir, em Paris, entre largas centenas de residentes da Cidade Universitária, a uma conferência do célebre pensador e historiador, Denis de Rougemont. Estava então Rougemont em plena campanha pela federação europeia, por um governo único para a Europa (ao menos a ocidental). E, no fim da sua brilhante exposição, pôs a votos a atrevida proposta. Houve qualquer coisa como 2 votos contra (o meu e o de uma rapariga belga; não estávamos combinados...); uma dúzia de abstenções (entre as quais, meia dúzia de espanhóis) e largas centenas de votos a favor (entre os quais, grande número de espanhóis). Por esses dias, um dos maiores espaços de Paris aplaudiu o "Cidadão do Mundo" na acalorada defesa da República Mundial...

(Nem todas estas ideias andam para a frente...)

Desse primeiro contacto com federalistas europeus (viria, depois, a dar-me muito bem com os das "Nouvelles Équipes Internationales" – sem nunca deixarmos de ser adversários de ideias), guardei uma certeza: a Espanha (talvez melhor, Castela) iria ver no Federalismo Europeu a mais fácil passagem para um outro velho sonho federalista – ou semelhante. Não vejamos, nesta atitude ou neste desejo, qualquer ódio ou desprezo: a amizade espanhola é, para mim, uma dado adquirido. O que não é deseável ou aceitável é a forma **incestuosa** que por vezes assume essa amizade, ou esse amor...

Ora, enquanto a Espanha actual via na União Europeia o caminho mais curto e mais eficaz para a Unidade Ibérica, lá vinha a recrescer, em Portugal, a estranha convicção de que importa escolher entre o Oceano Atlântico e a fronteira espanhola. Foi então que, preparado o terreno pela Aliança Democrática (menos o PPM), e pelo Partido Socialista, uma das coisas mais **simples**, mais **fáceis**, mais rápidas, que fez Cavaco Silva foi abolir a fronteira espanhola. Entrámos assim na era anti-gâmica: já não se tratava apenas de desfazer ou **desstraçar** o caminho do Gama. O que tem estado a ser feito é o oposto, simetricamente oposto, a toda a Descoberta, a toda a Presença. Saltámos para a Europa: cámos em Espanha. Um Povo como o Povo Português não pode jogar estas modalidades de atletismo. Vem carregado de muitas memórias, de muita saudade, de muita responsabilidade, de muita aspiração mal cumprida. Quanto mais se

ESPERANÇA PERDIDA

Pertence à mentalidade portuguesa uma curiosa convicção, que desde há séculos faz papel de pressuposto ou hipótese: os Portugueses tinham de se expandir; entre Castela e o Mar, preferiam o Mar. Estranha concepção essa, quando aplicada a um povo que, nesses primeiros passos, talvez não atingisse ainda 1 milhão de almas...

Se hoje me refiro a esta ideia, não é tanto para contrariar a visão expansionista da nossa História (visão que me parece mal fundamentada, uma vez que **presença**, presença viva e fecunda, dadivosa e sagrada, não é o mesmo que **expansão**); é sobretudo para apreciar, em poucas linhas, as consequências actuais dessa velha referência.

Enquanto Portugal cumpria o seu destino, ou a sua vocação universalista, as grandes potências europeias seguiam no seu encalço e enriqueciam com novas técnicas económicas. E, à medida que davam por findo o seu circuito, cada qual ia engrossando o coro das outras, forçando Portugal, primeiro, a imitá-las, depois a dar por finda a sua experiência no que tinha de verdadeiramente **sui generis**.

Despojado das suas instituições tradicionais e gravemente diminuído na sua formação espiritual, o nosso País não estava preparado, apesar de colossais esforços políticos e militares, para ultrapassar a crise que lhe feria as próprias raízes. Interiormente minado pelo scepticismo (em que Antero reconheceria um sinal de morte) e sufocado numa disciplina que não lhe permitia renovar-se, Portugal acabou por renunciar ao seu histórico e à sua imagem transcendente. Batendo com a mão no peito, mal foi capaz de ouvir o hino de louvor que lhe dedicou Léopold Senghor, aqui na Academia das Ciências de Lisboa, trazendo na sua voz sincera e altiva as vozes da África secularmente lusitana, e no seu sangue "algumas gotas" de um antigo sangue, generoso e fremente.

Mas eis que a velha hipótese lhe saltava para o plano da acção: os Portugueses não podiam ficar presos no berço peninsular. Tal como no início do século XV, também neste último quartel do século XX e do II Milénio era impossível que se quedassem nestes quatro palmos de terra. E, se do Mar regressámos, teríamos de partir para além das Espanhas de Castela... (Vou contar.)

Mais dia menos dia aparece o homem que fala como se fosse forte e o povo acredita e o povo põe nele a sua esperança.

E quando o Homem mostrar que é realmente forte e estiver a caminho de usar a sua força ao serviço honrado, honesto, competente, do bem comum, sairá da sombra um assassino da esperança e, muito provavelmente, cairá mais um herói e o povo português recomeçará a trilhar um novo caminho de esperança que poderá ser o caminho de novo calvário.

O povo português não pode ficar à espera de mais um crime, passivamente, sem tomar medidas, entregando aos algozes, que já empunham as armas assassinás, o Homem que virá, infelizmente, encarnar uma nova esperança.

O aplauso, a força, o apoio que for dado a esse homem sem mais nada, com o mobil egoista de desfrutar os benefícios da Autoridade, estarão a empurrá-lo para as mãos assassinas a soldo dos empresários da anarquia. Se quisermos ser leais com o Homem e merecer os benefícios que virá a oferecer-nos, temos que abandonar a posição de ovelhas à espera do pastor e assumir uma posição de adultos esclarecidos dispostos a normalizar a vida portuguesa, accordando deste torpor em que vivemos, confundindo tolerância democrática com convite ao crime, com o mais relaxado dos comportamentos, proclamando a relatividade do bem e do mal, com o mais profundo desprezo por uma lei da honra e até pela lei natural.

Um tecido social putrefacto é o paraíso do crime e o suplício das pessoas honradas. A autoridade, cuja missão é apoiar os que procedem bem e contrariar os que procedem mal, não tem lugar em uma sociedade em que ninguém sabe o que é mal e o que é bem.

Vivemos numa sociedade em que até os políticos – cuja vocação deve ser a promoção da felicidade do povo, no mais alto nível de responsabilidade – parecem terem vergonha de proclamar o significado e a importância dos valores morais, para darem todo o destaque à aritmética do voto, aos problemas económicos, técnicos, etc., etc., todos muito importantes, mas que ficam irremediablemente comprometidos se tiverem uma resposta popular, sem fibra moral, sem amor e sem entusiasmo.

Se não formos capazes de criar rapidamente as condições essenciais ao exercício normal de uma autoridade libertadora, o «horror ao vácuo» próprio da sociedade humana vai gerar as condições que farão surgir o Homem que traz a necessária Autoridade e nada teremos feito para que ele não venha ser mais uma vítima dos assassinos da esperança.

Jornal A TARDE – Outubro, 1985.

*(In "Portugal em baixo ou em cima" de Gastão da Cunha Ferreira,
pág. 182, edição do autor)*

IBERISMO

"A Europa, entregue ao acrítico e arrogante optimismo dos políticos que fizeram da união política e do mercado dos subsídios de Bruxelas o fim e o princípio da justificação da sua legitimidade começa a despertar para os problemas reais do espaço económico e político, depois do fim da União Soviética, da reunificação da Alemanha, e da progressiva retirada Norte-Americana. A estas mudanças geopolíticas, a que não costumam ser muito sensíveis os fundamentalistas da macroeconomia, juntou-se, já mais inteligível para eles, o desastre do SME. E os contínuos efeitos de uma crise económico-social profunda, com raízes na mudança tecnológica e na própria nova ordem comercial mundial, que roubou aos europeus, definitivamente, empregos que não serão mais recuperados. É este mal-estar da Europa Ocidental, revelado pelo desemprego crónico de proporções alarmantes que se vem acrescentar, ao crescimento da instabilidade nas suas fronteiras e sul-orientais. Daí vêm fluxos de refugiados políticos e económicos – aos que se somam as consequências, para os seus vizinhos do sul – o Maghreb – da fortíssima onda de Fundamentalismo Islâmico – que do Egito à Argélia, parece cada vez mais difícil de conter, no seu novo messianismo corânico.

No quadro geral, a Europa dos doze demonstrou a sua incompetência político-diplomática e a sua fraqueza militar nas sucessivas crises do pós guerra-fria: na guerra do Golfo, que era longe, e na Jugoslávia que está à porta. Os esforços patéticos e as ameaças sem sequência nem consequência já fizeram perceber aos perturbadores da "ordem" – como os sérvios, de Milošević –, que defrontam tigres de papel e que as continuadas ameaças de intervenção militar contra o agressor não são credíveis".

(Jaime Nogueira Pinto. Excerto da conferência "O Sentido e o Valor Actuais da Independência Nacional", proferida na SIIIP em 30/XI/93)

"A Europa, relembra-se, é potencialmente muito fragmentária, principalmente do ponto de vista geográfico do que decorre que nações, países e conjuntos de países tenham problemas, preocupações, oportunidades, desafios e interesses muito diferentes e, por vezes, até muito conflituais.

O que, como a História regista, tem levado a sérias confrontações que, no presente século, acabaram em graves guerras mundiais. Certamente por isso é que a alguns sectores europeus pareça mais avisado que o projecto de união europeia seja prosseguido por fases, a primeira das quais poderá ser já a do Espaço Económico Europeu (EEE) que aguarda ratificação, e cuja experiência poderá ser oportunidade para reflectir e para melhorar o clima de confiança europeia, antes de se darem passos ulteriores irreversíveis. Clima de confiança essa cuja precariedade transparece claramente do referido conflito entre eurocentristas e euroatlântistas quanto ao lugar que a Europa deve ocupar no Mundo. Os eurocentristas dando a ideia de preferirem uma Europa das regiões, com rápido "apagamento" dos países membros para criar uma nova superpotência conduzida pelos países membros mais fortes, a situar entre as clássicas potências Marítima e Continental.

Os euro-atlantistas parecendo não quererem ir para já além da Europa das Pátrias ou das Nações, a manter estratégicamente acoplada à superpotência Marítima a América do Norte – para não se pôr em causa o equilíbrio geopolítico mundial que interessa ir preservando para se poder levar a cabo, mais rápida, e mais facilmente, a pacificação de conflitos regionais, e outros, que muito interessa para aumentar a segurança global.

(Virgílio de Carvalho, livro "O lugar da Europa e de Portugal no Mundo - Porto 1993")

A QUESTÃO DO CHAMADO "NOROESTE PENINSULAR"

A OPINIÃO PÚBLICA PORTUGUESA

O Reino Unido, que decretou assim se chama por ter problemas de fragmentariedade potencial, vem dizendo, desde os governos de M. Thatcher, que só estará no projecto europeu bem unido. Isto é, que rejeita, pura e simplesmente, o conceito continentalista "Europa das Regiões".

Portugal continental, segundo os livros, também tem riscos de fragmentariedade potencial, por ser uma faixa comprida e estreita Norte-Sul, com diferenças climáticas reflectindo-se em diversidade de culturas e de comportamentos. Daí se lhe impor a maior responsabilidade e prudência quanto à chamada regionalização, porque pode tornar sensíveis linhas de fractura natural de Portugal nascido no Norte, mas que teve de ser expandido para o Centro e o Sul pelas avisadas e agueridas gentes nortenhais para lhe assegurar viabilidade geoecónica e geopolítica. E expandido ainda para o lado do mar, a partir da crise de 1383-85, depois da vitória da opção atlântica, que se revelou ser a do maior desenvolvimento na maior segurança. O que fez de Portugal uma entidade estratégica viável, não só euro-atlântica, mas também universalista, ao conseguir, como disse Fernando Pessoa, que o mar unisse, já não separasse, para que a terra fosse toda uma, a tal "aldeia global" de que tanto se fala agora. E o filósofo espanhol Unamuno reconheceu tudo isso, ao dizer que "o que faz Portugal é o mar".

A Galiza não quis vir para o mar com Portugal. Ao que dizem historiadores como J. Cortesão e H. V. Livermore, por então lhe bastarem os provenientes da exploração da estrada dos peregrinos de Santiago. E, tendo-se quedado amarrada à terra, foi espanholizada. Mas agora, a pretexto do conceito da "Europa das Regiões", tem vindo a propôr com insistência a criação dumha região galaico-duriense a que chama "Noroeste Peninsular". E, há dias, o presidente da Junta galega foi mesmo ao ponto de (em plena cidade da Maia, em debate sobre regionalização) falar em ligação Luso-Galaica aos povos da África que falam português, e de incitar à cooperação

A questão da revisão do Tratado de Maastrich, prevista para o próximo ano, impõe que a opinião pública, que constitue o melhor juiz das políticas e das estratégias dos países em democracia, esteja o melhor informada possível. Nomeadamente para levar a que, nos assuntos mais sensíveis e críticos, as forças políticas com possibilidades de ascender ao poder se entendam quanto ao cumprimento de objectivos Nacionais Permanentes (naturalmente consensuais), muito embora com diferenças estratégicas decorrentes das suas próprias sensibilidades.

Uns desses assuntos é o papel da UED (UNIÃO DA EUROPA OCIDENTAL), que é referido naquele Tratado como pilar europeu da NATO. O que quer dizer que o chamado embrião da defesa comum europeia, como também é nele considerado, não pode ser usado para afastar a Europa da América do Norte, que a história de duas Guerras Mundiais recentes, e da Guerra Fria, levaram à conclusão de estarem "condenadas a ser aliadas", designadamente por enfrentar desafios do presente e do futuro (e não apenas militares), do Pacífico e da Rússia. O que começa a ser cada vez mais reconhecido quando, dos dois lados do Atlântico Norte (nomeadamente UE, França, Canadá e EUA) surgem propostas para se fazer evoluir, a NATO para Comunidade Transatlântica total, isto é, não apenas militar, mas também política e económica.

É assunto sobre que a opinião pública portuguesa não pode deixar de se fazer ouvir, porque a evolução da Aliança Atlântica por Comunidade Transatlântica total (que impõe também que a UEO se integre nela) muito interessa a Portugal. Designadamente por facilitar a solidariedade e a coesão do seu disperso conjunto territorial euro-atlântico, e por promover Portugal, de periférico e menos importante na UE, a central e importante ponte estratégica naquela Comunidade. O que tem de ser visto, como sempre foi, como objectivo Nacional Permanente.

Virgílio de Carvalho

do Estado central, facilitará o envolvimento de grupos e "lobbies" espanhóis nas tomadas de decisão em território português.

Já não vem longe o dia em que Portugal se tornará, de facto, uma província de Espanha.

Com uma língua diferente, uma cultura parcialmente diferente e um Governo talvez diferente.

Mas também em Espanha as províncias já falam hoje a sua língua e são burocraticamente geridas por governos regionais.

Jornal Expresso de 10/8/96

Segundo notícias originárias de Espanha, Portugal recebeu no primeiro semestre deste ano mais de metade dos investimentos directos espanhóis.

Por outras palavras, os espanhóis investiram mais dinheiro em território português do que em todos os outros países do mundo juntos.

Em contos, o investimento espanhol em Portugal atingiu os 457 milhões nos primeiros seis meses de 1996, contra 421 no resto do mundo.

É A VERDADEIRA invasão espanhola.

As barreiras fronteiriças, que os portugueses sé revelaram capazes de defender nos tempos em que as nações combatiam de armas na mão, perderam todo o valor.

Hoje, não existe nenhum obstáculo à entrada dos espanhóis em Portugal.

Pelo contrário: talvez seja mais fácil aos seus empresários investirem em território português do que no seu próprio país. Nada disto seria particularmente grave, se nas relações económicas entre Portugal e Espanha, existisse reciprocidade. Mas não existe.

A facilidade com que os empresários espanhóis investem em Portugal não encontra paralelo no lado português.

Por falta de iniciativa, por falta de espírito empreendedor e sobretudo por ausência de grupos económicos de dimensão adequada, os portugueses não têm capacidade para responder de igual para igual aos seus vizinhos ibéricos.

Assim, a invasão económica espanhola vai continuar.

E, se ao poder económico corresponde necessariamente capacidade para influenciar decisões estratégicas, a conclusão a tirar é que o domínio da Espanha sobre Portugal tenderá a acentuar-se nos próximos anos.

Cabe acrescentar que a regionalização vai contribuir para agravar este fenômeno.

A divisão do país em regiões, com o consequente enfraquecimento

INCOMPETÊNCIA ACTUAL DA EUROPA

Como sublinhou Jorge Dias, o Homem português não degenerou, apenas está adormecido ou entorpecido. As pessoas habituaram-se a esperar do direito e da política, dos juristas e dos políticos, a resposta para todos os seus problemas. Trata-se contudo de um erro, porque o direito e a política dependem da pedagogia, como este depende da filosofia e nomeadamente da antropologia filosófica. A seguirmos o plano inclinado, a não se levantarem os bloqueamentos políticos, culturais e educativos que fazem obstáculo à sua saudável e que impedem o seu despertar, poucas ou nenhuma esperanças restarão ao homem português, mais tarde ou mais cedo regionalizado, cindido dos povos seus irmãos ou familiares de língua lusa, dissolvido e alienado no homem ibérico, no homem espanhol ou no homem europeu, sempre pugnando alguns "maduros" quiméricos ou alguns extremistas ao estilo dos Provençais, dos Catalães, dos Galegos ou dos Bascos pela identidade cultural ainda remanescente e, com o tempo, cada vez mais deturpada e diminuída.

Resta no entanto a esperança de que a verdadeira hierarquia seja restabelecida e que um direito português e uma política portuguesa venham a erguer-se sobre os alicerces de uma pedagogia portuguesa, por seu turno deduzida da filosofia portuguesa, isto é, da capacidade portuguesa de pensar com autonomia, com liberdade e com verdade, testemunhando pelo que somos, pensamos e queremos e reconduzindo esta caminhada, incerta e desnorteada de hoje, às linhas mais genuínas da nossa filosofia da história de povo essencialmente atlântico, ecuménico e portador de valores espirituais próprios.

Será ainda possível, quando chegámos ao que chegámos e quando o mundo moderno parece uma vasta empresa de igualização, de massificação e de destruição dos próprios princípios da identidade e da individualização?

MARÇO 97**ACTIVIDADES CULTURAIS NA SHIP**

ACTIVIDADES	DIA	LOCAL	HORA
Seminário de História do século XVII “A Restauração no Maranhão e Grão Pará: apogeu e banimento da Companhia de Jesus (1640-1661)” pelo Prof. Doutor Eugénio dos Santos	4 (3 ^a -feira)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Palestra sobre “D. Sebastião - O Corpo e a Alma” pelo Dr. Fausto de Moraes	4 (3 ^a -feira)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Palestra sobre Monsanto (Aldeia Medieval da Beira Baixa), Ilustrada com diapositivos pelo Dr. José Milheiro	5 (4 ^a -feira)	Salão Nobre (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Exposição de Fotografias da Aldeia e Castelo de Monsanto (Beira Baixa)	5 a 20	Salão Nobre (Piso 2)	14h30 às 17h30 (entrada livre)
Seminário sobre o Cristianismo no Japão nos séculos XVI e XVII: “Os jesuítas e o comércio do Japão” pela Mestra Ana Leitão	6 (5 ^a -feira)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Conversas Fim de Tarde “O Centro de Estudos Astronáuticos” pelo Sr. Eurico da Fonseca	6 (5 ^a -feira)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Seminário de História do século XVII “A Ideia de Império - de Zurara ao Padre António Vieira” pelo Mestre Jorge Santos Alves	11 (3 ^a -feira)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Palestra sobre “D. Sebastião - O Corpo e a Alma” pelo Dr. Fausto de Moraes	11 (3 ^a -feira)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Lançamento do Livro “Faiança de Alcobaça” autoria do Dr. Jorge Pereira Sampaio	11 (3 ^a -feira)	Salão Nobre (Piso 2)	18h30 (entrada livre)
Orquestra Metropolitana Recital de Música de Câmara pelo Septeto	12 (4 ^a -feira)	Salão Nobre (Piso 2)	18h30 (entrada livre)
Seminário sobre o Cristianismo no Japão nos séculos XVI e XVII: “Irmão Lourenço e Luís Fróis” pela Dra. Ana Fernandes Pinto	13 (5 ^a -feira)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Conversas Fim de Tarde “Geopolítica do Marxismo-Leninismo e do Maoísmo numa perspectiva de fim de século” pelo General Lopes Alves	13 (5 ^a -feira)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Seminário de História do século XVII “O Padre António Vieira - Escritor” pela Dra. Maria João Amaral	18 (3 ^a -feira)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Palestra sobre “O Fenómeno das Seitas - I” pelo Dr. Fausto de Moraes	18 (3 ^a -feira)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Seminário sobre o cristianismo no Japão nos séculos XVI e XVII: “Os jesuítas no Japão: uma análise estatística” pelo Mestre João Paulo Costa	20 (5 ^a -feira)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)

ACTIVIDADES CULTURAIS NA SHIP

ACTIVIDADES (CONT.)	DIA	LOCAL	HORA
Conversas Fim de Tarde “O Instituto Geográfico do Exército” por um Técnico do Instituto	20 (5ª-feira)	Sala dos Audiovisuais	17h30 (entrada livre)
Visita do Núcleo Feminino a Aldeias Portuguesas na Beira “Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Monsanto e Penha Garcia”	21 e 22	-----	Inscrições na Secretaria
Ciclo “Concertos da Última Sexta-feira de cada Mês” Concerto Coral do Coro do Instituto de Emprego e Formação Profissional sob a direcção do Maestro António Leitão Programa: Espirituais Negros	21 (6ª-feira)	Salão Nobre (Piso 2)	18h30 (entrada livre)
Recepção no Palácio da Independência de 30 Funcionários do Governo de Macau, de origem chinesa	24 (2ª-feira)	Salão Nobre (Piso 2)	17h30
Conversas Fim de Tarde a designar posteriormente	27 (5ª-feira)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)

ACTIVIDADES DESPORTIVAS DA SHIP

DESPORTIVAS	DIA	LOCAL	HORA
Aulas de Esgrima (Iniciação e Competição)	1, 8, 15, 22	Sala de Armas	15h30 às 17h30

ACTIVIDADES EXTERNAS DA SHIP

CULTURAIS (CICLO DE CONFERÊNCIAS)	DIA	LOCAL
“A Reconquista e o Espírito de Cruzada” Pela Dra. Silvana Pires		
“Os Reinos Muçulmanos Peninsulares na Época do Condado Portucalense” pelo Dr. Carimo Mohomed	7 (6ª-feira)	Escola Secundária Poeta António Aleixo Portimão
“O Quotidiano de um Soldado Português na Índia” pelo Dr. Paulo Pinto	7 (6ª-feira)	Auditório da Câmara Municipal da Covilhã
“O Quotidiano de um Missionário Português no Oriente” pela Dra. Ana Fernandes Pinto		
“O Quotidiano de um mercador Português no Oriente” pela Dra. Alexandra Pelúcia	14 (6ª-feira)	Escola Secundária Ribeiro Sanches Penamacor
“O Quotidiano de um piloto da carreira da Índia” pela Dra. Ana Leitão		
“O Quotidiano de um mercador Português no Oriente” pela Drª. Alexandra Pelúcia	19 (4ª-feira)	Escola Secundária Delfim Santos
“O Quotidiano de um Missionário Português no Oriente” pela Dra. Ana Fernandes Pinto		

ACTIVIDADES EXTERNAS DA SHIP

DESPORTIVAS (ESGRIMA)	DIA	HORA	ARMA	LOCAL
Torneio Aberto do C. M. F. E. D.	1 (Sábado)	14h00m	EF e SABRE (ABSOLUTOS)	MAFRA
Torneio Aberto do C. M. F. E. D.	2 (Domingo)	10h00m	EM (ABSOLUTOS)	MAFRA
Campeonato Nacional	8 (Sábado)	14h00m	FF:EM e S.(IND. E EQ) (JUNIORES)	ALENTEJO
Campeonato Nacional	9 (Domingo)	09h00m	FM:EF (IND. E EQ) (JUNIORES)	ALENTEJO
Campeonato Nacional	15 (Sábado)	14h00m	EF IND. (CADETES)	VIANA DO CASTELO
Campeonato Nacional	16 (Domingo)	09h00m	FF:EM: (IND. E EQ) (CADETES)	VIANA DO CASTELO
Torneio Aberto Academia Militar	15 (Sábado)	14h00m	EF e SABRE (ABSOLUTOS)	A. MILITAR (AMADORA)
Torneio Aberto Academia Militar	16 (Domingo)	10h00m	EM (ABSOLUTOS)	A. MILITAR (AMADORA)
Círcito Infantil II	22 (Sábado)	10h00m	FM e FF (PASS:INF)	A Designar
Torneio Herculano Pimentel	23 (Domingo)	9h30m	EM e EF (ABSOLUTOS)	SALA ESGRIMA E.U.L.



ABRIL 97**ACTIVIDADES CULTURAIS NA SHIP**

ACTIVIDADES	DIA	LOCAL	HORA
Palestra sobre "O Fenómeno das Seitas II" pelo Dr. Fausto de Moraes	1 (Terça)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Conversas Fim de Tarde "Aspectos actuais da economia portuguesa" pelo Eng. João Paulo Castelo Branco	3 (Quinta)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Mostra de Artesanato Português Tecelagem Manuel, Brinquedos, Grés e Barro, Ponto Cruz, Colchas de Castelo Branco, Restauro de Móveis, Tapete de Arraiolos, Bordado Tradicional, Azulejos Antigos, Cerâmica do Séc. XVII, Móveis Alentejanos, Artesanato da Ilha da Madeira	4 a 17 (Sexta)	Galerias (entrada lateral pela Rua das Portas de Santo antão)	das 11h00 às 20h00 (Segunda a Domingo)
Seminário de História do século XVII "A Ideia de Império de Zurara ao Padre António Vieira - II" pelo Mestre Jorge Santos Alves	8 (Terça)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Palestra sobre "O Fenómeno das Seitas III" pelo Dr. Fausto de Moraes	8 (Terça)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Seminário sobre o Cristianismo no Japão nos séculos XVI e XVII "O ensino dos Jesuitas e a Companhia de Jesus na História da Ciência" pelo Mestre Henrique Leitão	10 (Quinta)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Conversas Fim de Tarde Tema a designar posteriormente	10 (Quinta)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Seminário de História do século XVII "Padre António Vieira e a sua preferência pelos Índios" pelo Padre António Lopes S. J.	15 (Terça)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Palestra sobre "O Fenómeno das Seitas IV" pelo Dr. Fausto de Moraes	15 (Terça)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Seminário sobre o cristianismo no Japão nos séculos XVI e XVII "Oda Nobunaga e Luís Fróis" pela Dra. Ana Fernandes Pinto	17 (Quinta)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Conversas Fim de Tarde a designar posteriormente	17 (Quinta)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Apresentação da Obra Poética de Fernando Seno Leitura de Poesias pelo Dr. José Augusto Alegria Ciclo "Concertos da Última Sexta-feira de cada Mês" Concerto Coral pelo Grupo Coral "ENSAIO" Grupo Desportivo do Banco Português do Atlântico sob a direcção do Maestro António Leitão	18 (Sexta)	Salão Nobre (Piso 2)	18h30 (entrada livre)

ACTIVIDADES CULTURAIS NA SHIP

ACTIVIDADES (CONT.)	DIA	LOCAL	HORA
Seminário de História do século XVII “A Missão do Brasil nos séculos XVI e XVII” pela Dra. Silvana Pires	22 (Terça)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Palestra sobre “O Fenômeno das Seitas V” pelo Dr. Fausto de Moraes	22 (Terça)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Orquestra Metropolitana de Lisboa Recital de Música de Câmara	23 (Quarta)	Salão Nobre (Piso 2)	18h30 (entrada livre)
Seminário sobre o cristianismo no Japão nos séculos XVI e XVII “A influência de Portugal na Ciência Japonesa” pelo Mestre Henrique Leitão	24 (Quinta)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)
Conversas Fim de Tarde a designar posteriormente	24 (Quinta)	Sala de Convívio (Piso 2)	17h30 (entrada livre)
Palestra sobre “O Museu dos Azulejos do Metro de Lisboa” pelo Dr. Fausto de Moraes	29 (Terça)	Salão Nobre (Piso 2)	15h00 às 16h30 (entrada livre)
Seminário de História do século XVII “O Padre António Vieira e a Missão no Brasil” pela Dra. Silvana Pires	29 (Terça)	Sala do Conselho Supremo (Piso 2)	14h30 às 16h30 (inscrições na secretaria)

ACTIVIDADES DESPORTIVAS DA SHIP

DESPORTIVAS	DIA	LOCAL	HORA
Aulas de Esgrima (Iniciação e Competição)	5, 12, 19	Sala de Armas	15h30 às 17h30

ACTIVIDADES EXTERNAS DA SHIP

CULTURAIS (CICLO DE CONFERÊNCIAS)	DIA	LOCAL
“O Quotidiano de um mercador Português no Oriente” pela Dra. Alexandra Pelúcia	11 (Sexta)	Escola Secundária Gabriel Pereira Évora
“O Quotidiano de um Missionário Português no Oriente” pela Dra. Ana Fernandes Pinto		
“O Quotidiano de um Soldado Português na Índia” pelo Dr. Paulo Pinto	11 (Sexta)	Escola Secundária Poeta António Aleixo Portimão
“O Quotidiano de um piloto da carreira da Índia” pela Dra. Ana Leitão		

ACTIVIDADES EXTERNAS DA SHIP

CULTURAIS (CICLO DE CONFERÊNCIAS)	DIA	LOCAL
"O Quotidiano de um Soldado Português na Índia" pelo Dr. Paulo Pinto "O Quotidiano de um piloto da carreira da Índia" pela Dra. Ana Leitão	18 (Sexta)	Escola E. B. 2, 3 Eugénio dos Santos Lisboa
"O Quotidiano de um Soldado Português na Índia" pelo Dr. Paulo Pinto "O Quotidiano de um Missionário Português no Oriente" pela Dra. Ana Fernandes Pinto	23 (Quarta)	Escola Secundária Dr. Afonso Rodrigues Pereira Lourinhã
"O Quotidiano de um mercador Português no Oriente" pela Dra. Alexandra Pelúcia "O Quotidiano de um Missionário Português no Oriente" pela Dra. Ana Fernandes Pinto	30 (Quarta)	Escola Secundária Elias Garcia Almada

ACTIVIDADES EXTERNAS DA SHIP

DESPORTIVAS (ESGRIMA)	DIA	HORA	ARMA	LOCAL
Campeonatos Nacionais Universitários	13 (Domingo)	09h00m	FM:EF (ABSOLUTOS)	LISBOA
Torneio de Páscoa (Prep. IV)	12 (Sábado)	14h00m	FM:FF (ABSOLUTOS)	Campo de Treino Norte - PORTO
Torneio de Páscoa (Prep. IV)	20 (Domingo)	09h00m	EF:EM (ABSOLUTOS)	LISBOA
Círculo Infantil III	19 (Sábado)	09h00m	FF e FM (Pass/Infantis)	COIMBRA
Taça Colégio Militar (Prep. IV)	20 (Domingo)	09h00m	SABRE (ABSOLUTOS)	Ginásio do Colégio Militar
Campeonatos Nacionais Universitários	26 (Sábado)	14h00m	FM (JUNIORES)	C. D. LAPA
Torneio da S.H.I.P.	27 (Domingo)	09h00m	EM (JUNIORES)	C. D. LAPA
Torneio da S.H.I.P.	27 (Domingo)	14h00m	EM:FF e SABRE (ABSOLUTOS)	ALGARVE



